

# Cultura indígena de ver na TV

Fotos de Marcelo Theobald

'O guarani' traz índios para dar veracidade à minissérie da Manchete

MARCIA CEZIMBRA

**D**ESTA vez o romance *O guarani*, de José de Alencar, terá índio de verdade na que o escritor Walcy Carrasco fez para a minissérie homônima da Rede Manchete, com estréia marcada para o dia 1º de agosto. O olhar branco e delirante dos povos indígenas foi afastado das gravações pela assessoria cultural de índios de tradição: Karai Mirim e Xecupé, dois líderes guaranis da aldeia de Morro da Saudade (situada na periferia de Santo Amaro, em São Paulo), e o kadiwêu Macsuara, este um ator já conhecido do público pelos filmes *Avaeté* e *Kuarup* e por comerciais de TV. Karai Mirim quer mostrar ao telespectador, por exemplo, que os guaranis não são os guerreiros, antropófagos, machistas ou selvagens (no mau sentido) das histórias "dos conquistadores". O próprio protagonista Pery, vivido por Leonardo Brício, "não tem nada de índio" para Macsuara: "Ainda bem que vou viver um cacique aimoré, porque este Pery não me passa a menor emoção. É um guarani da cabeça de José de Alencar."

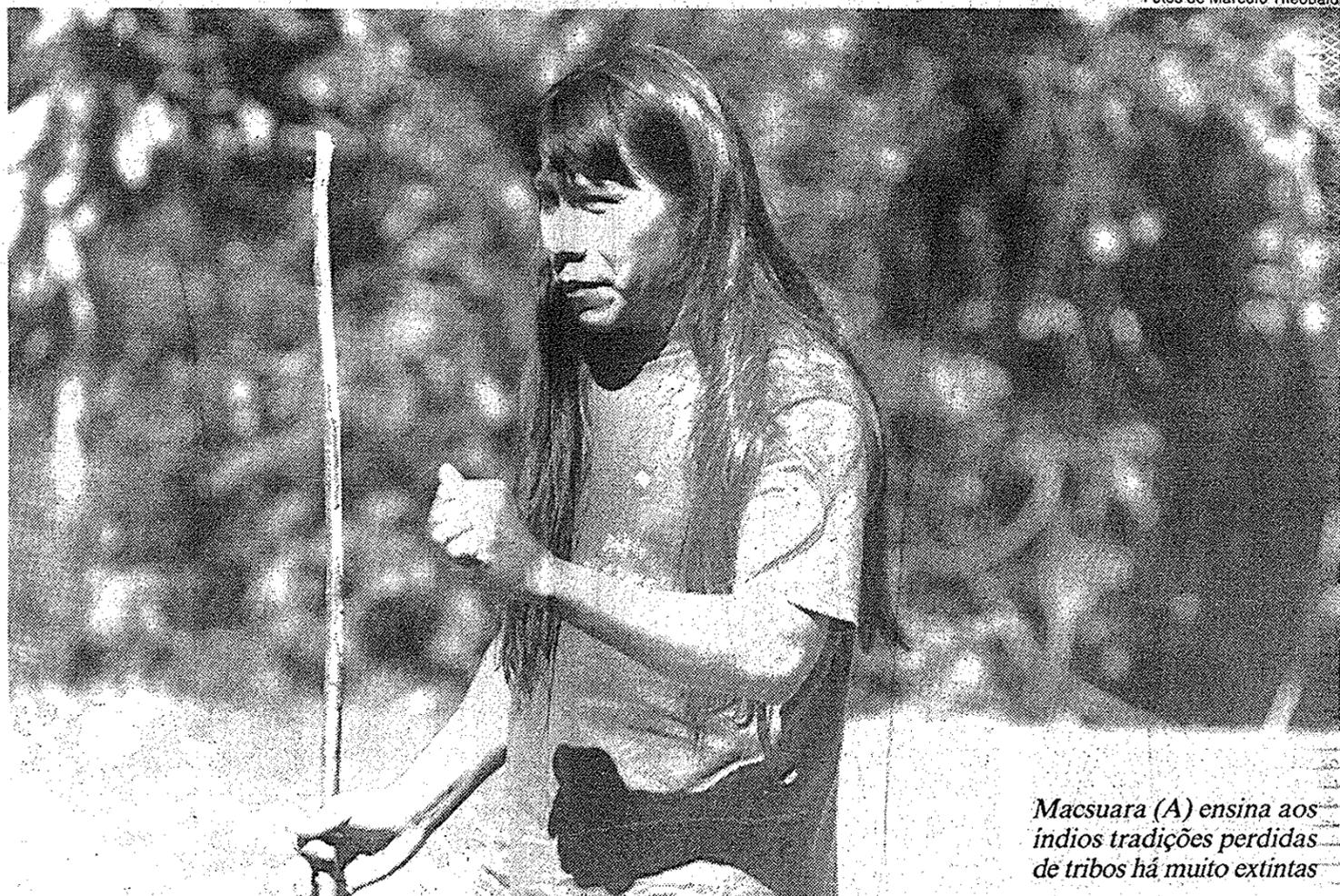
Nem o livro e tampouco a minissérie, porém, tratam da história dos índios. A cultura da nação aimoré, já extinta do mapa do Brasil, aparecerá mesclada a rituais de guerra e de morte de tribos ainda vivas, apenas como um cenário do amor entre Pery e Cecy, vivida pela apresentadora Angélica. É o mesmo problema do romance *Quarup*, de Antonio Caládo, e do filme *Kuarup*, de Ruy Guerra, na opinião de Macsuara. No caso do filme, rodado no Xingu, as danças e lutas dos povos camaiurás e iawalapitís mal chegaram à tela dos cinemas. "Não entendi porque os produtores cortaram quase todas as cenas das festas e dos rituais. Acho que ficaram receosos depois que a Funai ameaçou cobrar na Justiça os direitos de imagem dos índios", comentou. Ainda assim, os três índios estão satisfeitos por construírem sozinhos este pano de fundo. Os figurantes da minissérie são 35 guaranis da aldeia de Morro da Saudade, de oito aldeias, onde a fome faz parte do cotidiano de quase 300 índios que não têm sequer água para tomar banho ou lavar roupa.

Maior satisfação virá quando Macsuara soltar a própria voz no documentário de 45 minutos *Arvo-*

*re grande*, que a produtora paulista Interlab lançará no próximo mês na rede BBC de Londres e, depois, nas TVs do mundo inteiro. Ele revelará a sua História do Brasil. "Vou contar que o extermínio dos índios do Sul no século 16 se repete hoje com os índios de Mato Grosso, da Amazônia e do Pará", anuncia.

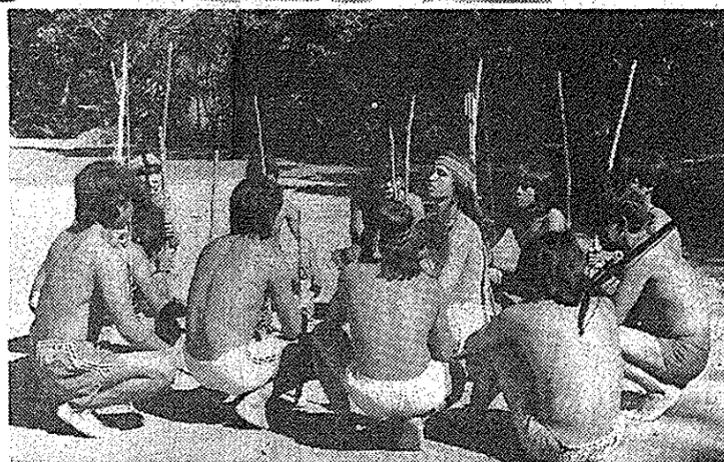
Com uma citação "prepotente" do jesuíta Manoel da Nóbrega ("A história dos índios está em branco. Pode-se escrever tudo sobre eles"), Macsuara justifica a sua entrada em cena como autor. Ele já tem na cabeça uma peça de teatro sobre a visão indígena de cosmologia e de mitologias sobre a formação do mundo, que pretende estreiar no próximo ano em São Paulo. Defende a proliferação de produções culturais sobre os índios, não como um favorecimento à sua cultura, mas à humanidade. "Não é apenas bom para o índio. É ótimo para o mundo inteiro nos conhecer", comenta. Depois da morte do pai em 1976, Macsuara largou a aldeia Kadiwêu, em Mato Grosso do Sul, para viajar pelo Brasil. Foi operário, pedreiro, electricista e dono de uma barraquinha de artesanato no Largo da Carioca até a participação como figurante nos filmes *Quilombo*, de Cacá Diegues e *Floresta das esmeraldas*, de John Boorman. O estouro no cinema veio com *Avaeté*. Foi casado com uma cigana espanhola que conheceu na rodoviária de São Paulo, teve dois filhos e hoje vive sozinho num apartamento da Rua Fonte da Saudade.

As histórias e as lendas que há séculos atravessam verbalmente a cultura indígena seriam para Macsuara uma fonte inesgotável de filmes, minisséries e casos especiais. Um personagem que "daria um grande filme" é o cacique Paulo Paiaçã, caiapó do Sul do Pará e sobrinho de Raoni, na sua opinião um dos líderes mais importantes para as tribos de todo o país. Paulo Paiaçã, Raoni e o pajé camaiurá Sapaim, são, segundo ele, os chamados "caciques de tradição" pela compreensão maior da espiritualidade dos índios e pela responsabilidade de transmiti-la às novas gerações. Já o interesse dos guaranis na participação em *O guarani* é de divulgação e de desenvolvimento do Centro de Cultura Indígena da aldeia, dirigido por Karai Mirim e por Xecupé. "Não queremos lamentar todos os índios massacrados. Queremos garantir a sobrevivência de nossas crianças, a vida no futuro", diz Xecupé.



Macsuara (A) ensina aos índios tradições perdidas de tribos há muito extintas

Um leque de contradições, no entanto, cerca este verdade que os índios querem exibir na minissérie da Manchete. Uma das funções de bastidor de Macsuara, por exemplo, é convencer as índias de que devem tirar a roupa. Nos ensaios de sexta-feira passada, as índias, muito tímidas, relutaram em tirar a blusa na presença de homens da produção, instalada na Fazenda Mineira, em Xerém. "As índias do século 16 não usavam roupa, gente", explicava Macsuara. A própria Manchete teve surpresas culturais. Os 35 guaranis, que não tomavam banho nem lavavam roupa há sete meses por falta d'água na aldeia, foram quase recusados pelo hotel Monte Blanco, onde se hospedam no Catete. A Manchete contornou o problema com a direção da casa: Pagou em seguida uma conta de Cr\$ 37 mil de primeiro dia de lavanderia. Outra surpresa é o apetite: uma índia de três anos, por exemplo, come três pratos numa refeição. A farta comida não chega a ser o prazer maior dos guaranis, especialmente para o cacique mais velho, Verá, que se atribui a idade de 131 anos: "Para mim, qualquer comida é boa. Eu gosto é da alegria", declara.



## Folhetim de Pery e Cecy

É com toda razão que o kadiwêu Macsuara não se reconhece no parente cristão Pery. O personagem é mais um lirismo do indianista épico José de Alencar (1877-1915), o escritor cearense que, em vida, só perdeu em fama para Machado de Assis. Por um amor incondicional à branca Cecy, filha do fidalgo português Dom Antonio de Mariz, o adolescente guarani enfrenta com sucesso batalhões de aimorés e aventureiros, ladrões

do futuro sogro. A confusão com os aimorés começa depois do assassinato acidental de uma jovem índia da tribo por homens de Dom Antonio. Cecy é aprisionada pelos selvagens e, graças às atuações de Pery aliado a Dom Antonio, os dois escapam da morte. Pery livra ainda a amada dos aventureiros, nega todos os seus valores para converter-se ao cristianismo e, com a benção paterna, o casal vai embora. No último ato, Pery e Cecy estão de joelhos, em oração a Deus por piedade.

O romance de José de Alencar, publicado como folhetim na imprensa antes de editado em livro em 1857, se internacionalizou ao

inspirar a ópera *O guarani*, de Carlos Gomes (1836-1896). A peça, uma criação da temporada de estudos do maestro na Itália, o consagrou como compositor ao estreiar, com elogios de Verdi ao "verdadeiro gênio musical", no Scala de Milão, em 1870. A montagem chegou ao Teatro Lírico Fluminense, no Rio de Janeiro, naquele mesmo ano. Foi ainda argumento de vários filmes — de Antonio Leal, em 1908; de Salvatore Lazzaro, em 1911; do italiano Vittorio Capellaro em duas versões, em 1916 e em 1926; e de João de Deus, em 1920, com Pedro Dias e Abgail Maia. A adaptação de Walcy Carrasco em 20 capítulos para a minissérie da Rede Manchete tem direção de Marcos Schechtman, figurinos de Maria Duarte, participações das atrizes Monique Evans e Nani Venâncio como índias guaranis, de Carlos Eduardo Dollabela como Dom Antonio de Mariz e de Caique Ferreira como Dom Álvaro, o traidor pretendente de Cecy. A trilha sonora será composta por Alberto Rosembli e Priscila Ermel, a partir dos cantos dos índios para os rituais das gravações. (M.C.)